

A ARTE COMO EXPERIÊNCIA DA AFIRMAÇÃO DA VIDA.
CONSIDERAÇÕES SOBRE NIETZSCHE E GRACIÁN

Adilson Felicio Feiler¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Resumo

Balthasar Gracián apresenta uma leitura refinada e complicada da moral cristã a fim de afirmar as reivindicações do Cristianismo. A maneira como Gracián aborda a dureza da moral é caracterizada como suave e enfraquecida, despertando, por isso, o interesse de Nietzsche, naquilo que ele denomina: arte de dissimulação. A experiência da arte como dissimulação se traduz como forma de afirmar a vida mediante recursos literários que, em muitos aspectos, parecem antecipar pontos do pensamento nietzschiano. A acolhida do fato da vida, naquilo que este apresenta de mais duro, a torna plena, ou seja, imortal, pois se a afirma da forma como ela é. Em que medida Nietzsche partilha desta posição, no intuito de desacreditar o Cristianismo moral, afirmando-o como prática?

Palavras-chave: Nietzsche. Gracián. Arte. Moral. Vida.

Abstract

Balthasar Gracián shows a refined and complicated reading of christian moral in order to affirm the claims of Christianity. The way as Gracián addresses the hardness of moral is characterized as soft and faded, rousing, therefore, the Nietzsche's interest, in what he terms: art of concealment. The experience of art as concealment translates as way of affirming the life by the literary resources that, in many aspects, seem bring forward the points of nietzschean's thought. The reception of life's fact in what is more hard, becomes it full, in other words, immortal, for affirm it as it is. In what measure Nietzsche shares of this position, in order to discredit the moral Christianity affirming it as practice?

Keywords: Nietzsche. Gracián. Art. Moral. Life.

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

1. Introdução

O estilo barroco de Balthasar Gracián², marcado pelo pessimismo, consiste em sentenças breves, pessoais, densas e concentradas. Pelo pessimismo que se depreende do barroco, o mundo é um espaço hostil e engenhoso, dentro do qual o ser humano se apresenta como débil, interesseiro e malicioso. A poesia de Gracián lembra o estilo aforismático de Nietzsche, quem foi seu leitor, e, em muitos aspectos, admirador. Não queremos induzir uma influência fundamental e decisiva de Gracián na formação de Nietzsche, contudo, seguindo Victor Bouillier (1926, p. 22) pretendemos mostrar “(...) que Nietzsche conheceu e apreciou a Gracián, que a ele deve certas reminiscências e, inclusive, incitações; em definitivo, apesar de todas as diferenças, estes dois gênios apresentam curiosas afinidades tanto na forma quanto nas ideias.¹” Assim, como em Nietzsche, cada aforismo de Gracián concentra uma riqueza muito grande de significados que se descobrem em cada nova perspectiva que se estuda. Nele, o mundo é um espaço em que a hostilidade e a sutileza se impõem frente à virtude e à verdade. Por essa razão, a sabedoria está baseada na experiência de vida, que se caracteriza por técnicas como a da arte de dissimular e adaptar o comportamento conforme diferentes situações. A arte da dissimulação tem se destacado como uma técnica para acentuar algum aspecto, em detrimento a outros, considerados periféricos. Por esta razão, inclusive, teve-se a intenção de se realizar denúncias sociais, culturais, políticas ou religiosas, sempre com o intuito de, com sutileza, propor ao leitor meios alternativos para se resolver determinada questão. Estes meios alternativos estiveram também sempre muito ligados ao *modus quo*, à maneira corrente pela qual determinado problema pudesse ser resolvido.

Os diferentes casos que demandam uma diferente resposta para cada caso em particular resultaram em um procedimento ético conhecido como casuísmo.

² Balthasar Gracián (1601-1658), jesuíta espanhol que se destacou como escritor, pelo cultivo da prosa didática e filosófica. Entre suas obras, a que tem maior respaldo é *El Criticón* e *Oráculo Manual*. Como representante do barroco, seu pensamento reflete pessimismo, sem deixar, contudo, de apresentar um ser humano capaz de aproveitar a sabedoria de vida a partir da experiência.

Os jesuítas se distinguiram como expoentes deste procedimento; não podiam mais responder aos desafios da época moderna com os expedientes da velha moral. Por essa razão, suas táticas missionárias se manifestaram de forma que a moral fosse atingindo um tom refinado e sutil, a ponto de fazer com que se viva num mundo em que o peso dos diversos regramentos já não se perceba de maneira tão evidente, mas dissimulado. Outrossim, o peso arquitetônico do barroco e do rococó dão espaço ao barroco tardio, também denominado de barroco jesuítico, em que as linhas leves e retas buscam incutir uma mentalidade humanista, fundada na experiência de vida. A sofisticação do estilo jesuíta, que Gracián apresenta no pensamento e na literatura, acompanha e corrobora aquele mesmo estilo que se vincula à música, à arquitetura, bem como a outras manifestações artísticas. Montserrat Cots Vicente (1995, p. 131) realça “(...) a vontade manifesta do autor de alcançar a obscuridade e a ininteligibilidade da expressão através da agudez verbal e da sutileza do conceito. A conjunção de ambos recursos, a vontade e o intelecto, daria como resultado o belo barroco, metaforização do ideal estilístico graciano.”

Estariam os jesuítas, de modo especial Gracián, disseminando um pensamento que denunciava os engessamentos da Idade Média tardia, para incutir uma mentalidade renovada? Teria Nietzsche a mesma intenção com relação à modernidade, ao se servir de diversas máscaras para fazer ecoar, no labirinto da existência, um conjunto de vozes múltiplas, de modo a tornar mentira tudo aquilo que foi julgado verdade e tornar verdade muito daquilo que foi tomado por mentira? Na obra *El Criticon*, Gracián expõe, pelo comportamento de suas personagens, à saber, a autocrítica de Critilo e o hedonismo inconsciente de Andreliño as sutilezas e as contradições da virtude e da moral, antecipando, com isso, elementos que apontam para o perspectivismo nietzschiano. Como Nietzsche desconhecia a língua espanhola, teve acesso ao romance e outros escritos de Gracián, pela tradução delas realizada por Schopenhauer, como é o caso de *O Oráculo Manual*. Este consiste num escrito, todo em aforismos, que versam sobre os mais diversos temas, como, por exemplo, o que segue: “Entrar com a alheia e sair com a sua. É estratagemma do conseguir” (GRACIÁN, 1979, p. 53).

O estilo aforismático e a capacidade refinada de dissimulação, somada a um estético sublime e uma crítica dura e implacável a tudo aquilo que se pretende eterno, fazem de Gracián um autor que, em muitos aspectos, lembra a escrita filosófica de Nietzsche. Esta aproximação do jesuíta espanhol, inclusive, se depreende de seis ocorrências explícitas a ele na obra de Nietzsche. Bouillier (1926, p. 27) diz que “Nietzsche é, igual a Gracián, um mestre do aforismo.”

Neste estudo temos a intenção de cotejar uma questão paradoxal que se depreende da pessoa de Gracián e de Nietzsche – a afirmação da vida que se depreende do Cristianismo entendido como prática. Ou seja, em que medida o refinamento e a suavidade da reivindicação da vida, sublinhada por Gracián em meio ao barroco jesuítico, corrobora as teses de Nietzsche. Com isso, atentamos às implicações no Cristianismo enquanto acento em seu aspecto prático e vital. A maneira como Gracián trata o Cristianismo vem ao encontro à maneira de Nietzsche? Gracián veicula em seus escritos um Cristianismo como prática, como experiência de vida?

A reflexão dar-se-á em três partes. Cada uma das partes segue o raciocínio indutivo, mediante a lógica de uma sequência triádica e através de aforismos que Nietzsche apresenta em seus *Fragmentos Póstumos* do outono de 1873 ao inverno de 1874. De igual maneira, também, se procederá a acompanhar, em cada uma das partes, alguns dos escritos de Gracián. Num primeiro momento seguimos o aforismo 30[32], do referido período dos *Fragmentos Póstumos*, intitulado “Da simplicidade dos antigos à complexidade do Cristianismo.” Procuraremos responder em que medida Gracián apresenta um regresso à simplicidade dos antigos corrompida pela complexidade moralizante e proveniente de uma certa concepção de Cristianismo. Na sequência, tomamos o aforismo 30[33], através do título “Os jesuítas e a reivindicação de um Cristianismo suavizado.” Procuramos responder ao problema, vendo em que medida os jesuítas e Gracián, de forma particular, desconstruíram uma concepção do Cristianismo moral explícito para expressá-lo de maneira dissimulada. Enfim, no terceiro capítulo, seguindo o aforismo 30[34], intitulado “Gracián e a compreensão do Cristianismo como experiência de vida,”

investigamos em que aspectos a experiência de um Cristianismo vital, em Gracián, se aproxima do estilo aforismático de Nietzsche.

2. Da simplicidade dos antigos à complexidade do Cristianismo

“O Cristianismo apresentou as formas mais altas, porém a maior multidão está caída para trás. Isso é ainda tão difícil para represar novamente a simplicidade dos antigos.”³
(NIETZSCHE, Nc/FP do outono de 1873 – inverno de 1873-74, 30[32], KSA, 7.743)

A maneira simples e direta do mundo antigo, de interagir com os fenômenos orgânicos, fez com que este usufruísse, ao máximo, da potencialidade criativa. Esta riqueza especial é quebrada quando os mecanismos, pressupostos pelo advento da razão, tomam as rédeas da situação. Desse modo, aquela observação direta e imaginativa dos fenômenos naturais dá espaço ao raciocínio, pelo nascimento messiânico do conhecimento. Nietzsche mostra esta transição em seu escrito de juventude *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra moral*. Logo no início do escrito, Nietzsche diz que o conhecimento foi o momento mais mentiroso já acontecido. Contudo, foi apenas um breve momento⁴. Ainda, na *Gaia Ciência*, Nietzsche (FW/GC, III, 210, KSA, 3.469) assim se expressa a respeito da origem do conhecimento intelectual: “O intelecto, através de descomuns lanças

3 Para as citações das obras de Nietzsche adotamos a Edição Crítica Alemã Colli & Montinari: KSA (*Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe*) e das Cartas KGB (*Sämtliche Briefe Kritische Studienausgabe*); após a sigla indicando a obra, em Alemão/Português: GT/NT – *Die Geburt der Tragödie* (O nascimento da tragédia), MA/HH – *Menschliches Allzumenschliches* (Humano demasiado humano), M/A – *Morgenröte* (Aurora), FW/GC – *Die fröhliche Wissenschaft* (A gaia ciência), Za/ZA – *Also sprach Zarathustra* (Assim falava Zaratustra), JGB/BM, *Jenseits von Gut und Böse* (Para além do bem e do mal), GM/GM – *Zur Genealogie der Moral* (Genealogia da moral), AC/AC – *Der Antichrist* (O anticristo), EH/EH – *Ecce Homo* (Ecce Homo), GD/CI – *Götzen-Dämmerung* (Crepúsculo dos ídolos), CV/CP – *Fünf Vor Vorreden zu fünf ungeschriebenen Büchern* (Cinco prefácios a cinco livros não escritos), WL/VM – *Über Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinn* (Sobre verdade e mentira no sentido extramoral), Nc/FP – *Nachlass* (Fragmentos Póstumos), segue o número, em romano, indicado o capítulo, se tiver, o número do aforismo, KSA ou KGB, o número do volume e a página.

4 “(...) animais inteligentes inventaram o conhecimento. Este foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da ‘história universal’, mas foi apenas um minuto” (WL/VM, I, KSA, 1.875).

de tempo, não engendrou nada além de erros.” Tais posicionamentos, críticos ao hermetismo racional do conhecimento, nos remetem a algumas intuições que se depreendem da pena de Gracián. No primeiro capítulo de *El Criticón*, de Balthasar Gracián (1938, p. 9) lemos:

Falta-nos comumente a admiração porque nos falta a novidade e, com esta, a advertência. Todos entramos no mundo com os olhos do ânimo fechados e, quando os abrimos ao conhecimento, o costume dos coesos, por maravilhosos que sejam, não deixam lugar à admiração.

Gracián critica duramente toda a complexidade esquemática dos processos implicados no conhecer. Aquela fruição direta da plenitude do conhecimento, que se depreende da riqueza do mundo, dá espaço a mecanismos complexos e sistemáticos, escondendo toda aquela riqueza de formas, cores e texturas por causa da rigidez conceitual. Nicolás Boullosa (2016, p. 5), recorda, ainda, que “*El criticón* é um manual sobre o comportamento humano que inicia o perspectivismo moderno, filosofia atribuída à Schopenhauer e Nietzsche (...) tem presente a ideia de que o juízo e a verdade dependem de cada situação e estado do indivíduo.” A obra de Gracián consiste numa crítica ao hermetismo da ilustração moderna, vindo, por isso, a anteceder diversas intuições do autor de Zaratustra.

É interessante que Gracián utiliza o mito da criação para fazer este paralelo entre o conhecimento antes e depois do pecado original, quando os olhos dos primeiros seres humanos estavam fechados. Enquanto fechados pareciam contemplar mais coisas, uma plenitude na verdade. Quando pecaram, passam a ver o mundo de forma diferente, diz Gracián, em detalhes, porém sem aquela admiração da plenitude que a cegueira corporal permitia. Nietzsche toma este mesmo mito criacionista e o emprega em seu *Anticristo*. Contudo, embora o filósofo faça um movimento contrário ao de Gracián em termos de pensamento, sua estilística continua muito próxima a de Gracián. No *Anticristo*, Nietzsche mostra que a moralização proveniente do mundo decidia por enxergar as coisas, ou seja, por querer conhecer⁵. No entanto, a moral não quer o conhecimento,

5 Conhecer os limites da razão – somente isso é filosofia genuína. Que finalidade teve a revelação divina ao homem? Deus faria algo supérfluo? O homem não pode descobrir por si mesmo o que é bom e o que é ruim, então Deus lhe ensinou sua vontade... Moral (*AC/AC*, 55, KSA, 6.238-9).

preferindo a ignorância passiva e inerte, uma submissão obediente, como ele recorda, em *Aurora*, ao referir-se a moral alemã. “O homem tem de ter algo, a que possa obedecer incondicionalmente” - este é um sentimento alemão, uma coerência alemã: defrontamo-nos com ela no fundamento de todas as doutrinas morais alemãs” (*M/A*, III, 207, KSA, 3.187).

Assim, embora antípoda em termos de posicionamento filosófico, Nietzsche se fascina com o refinamento estilístico de Gracián. Com Gracián, Nietzsche (Carta a Peter Gast de 20 de setembro de 1884, 536, KGB, 6.535) reconhece que a moral entra num processo de complexificação, atingindo o ápice do rococó e do sublime, como se depreende da carta a Peter Gast, de 20 de setembro de 1884 dizendo:

Sobre Balthasar Gracián tenho o mesmo sentimento que você: a Europa não tem produzido nada mais fino e complexo em matéria de sutileza moral. No entanto, depois de meu Zaratustra, de uma impressão do rococó e do sublime filigrana.

A maneira como a moral passa a ser veiculada nos diversos meios não é mais como aquela que se defendia na Idade Média. O humanismo renascentista, principalmente o barroco, tem um modo muito mais sutil e camuflado para incutir a moral, como se depreende do seguinte aforismo “A virtude é o sol do mundo menor, e tem por hemisfério a boa consciência” (GRACIÁN, 1979, p. 109). O sol é evocado por Zaratustra como o “grande astro” (*Za/ZA*, I, Prólogo, KSA, 4.11), aquele que ilumina e, nisto, faz consistir a sua felicidade. O barroco apresenta o seu conteúdo pela beleza e sublimidade da forma; parece que este último se esconde entre o emaranhado de movimentos, cujo começo e fim não se identificam. Na biografia escrita por Curt Paul Janz é mencionada a influência de Gracián sobre a obra de Nietzsche, seja pela tradução de um escrito patrístico de Arnóbio, como também pelo estilo que se depreende da pena do jesuíta barroco espanhol.⁶

Através da sublimidade e da beleza das formas do barroco que Gracián divulga o seu conteúdo moral, tal como se depreende da escrita de Nietzsche

⁶ “Em 19 de setembro, pede que sua mãe lhe envie uma obra em latim do padre da igreja, Arnóbio, da qual ele possui uma tradução alemã e um volume de Montaigne. Köselitz havia lido a tradução do jesuíta espanhol Balthasar Gracián (1601-1658) na tradução de Schopenhauer.” (JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche. Uma biografia*. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 244).

(Nc/FP da Primavera de 1884, 25[347], KSA, 11.103), “Sêneca como uma culminação da antiga mentira moral – um mais grave espanhol como Gracián”; eis, portanto, a sua perspicácia e vitalidade. Nietzsche não deixa de reconhecer nisto, além de um ato de esperteza, também uma capacidade de reinventar a ação, a ação nova e criativa. Ademais, como recorda Rogério Antônio Lopes, o fato de Nietzsche ter assumido determinados pontos de vista filosóficos, o conduz ao desafio de os comunicar.

Partimos da convicção de que a dimensão retórica da obra nietzscheana, assim como o conjunto de questões que emergem a partir desta dimensão, só podem ser percebidos em toda a sua relevância quando nos confrontamos com os desafios enfrentados por Nietzsche ao tentar comunicar, de forma coerente e responsável os pontos de vista de sua filosofia. Para isso é indispensável uma análise dos textos que Nietzsche trouxe a público, pois é neles que iremos nos confrontar com suas inúmeras tentativas de dar uma solução adequada a este conjunto de questões. (LOPES, 1999, p. 19).

A referência acima, mais uma vez, corrobora a nossa proposta, no sentido de buscar elucidar textos que Nietzsche trouxe a público para uma compreensão da opção pelo estilo que adota. O estilo acompanha a forma como o pensamento que se estabelece, no sentido de fazer com que o pensamento possa ser melhor comunicado. Para tanto, são necessários diferentes recursos para a sua compreensão, pondo assim em ação a nossa própria capacidade de interpretação da realidade.

Assim, a ação da estilística nietzschiana como também a ação que caracteriza os jesuítas faz deles alvos de diferentes interpretações. As interpretações que se destacam são as de amor e de ódio: “Aqui teme-se o egoísmo como ‘mau em si’ – com exceção dos jesuítas, que concordam com os antigos, e, por isso, pretendem ser os mais eficazes educadores do nosso tempo” (CV/CP, V, KSA, 1.789). A maneira como os jesuítas encontram destaque no campo da educação permitiu que eles, mesmo após a sua expulsão, continuassem existindo como província independente na Rússia Branca⁷. Apesar de sofrerem

⁷ A supressão da Companhia de Jesus se deu mediante a Bula *Dominus ac Redemptor* pelo Papa Clemente XIV, em 1773, sendo sua restauração dada pela Bula *Sollicitudo omnium ecclesiarum*, pelo Papa Pio VII em 1814. Portanto, durante estes duzentos anos de supressão a Companhia de Jesus continuou existindo apenas como província independente na Rússia Branca. A Czarina

críticas pelo seu viés ultramontano⁸, mesmo que disfarçado por uma atitude dissimulada de suavização do peso moral, os jesuítas foram aqui e acolá recolhendo mostras de amor e ódio.

Um certo fascínio de Nietzsche pelos jesuítas, e, de modo particular, por Gracián, traz influências no conjunto de sua obra madura, de maneira especial a sua estilística. Seu rebuscamento e complexidade na forma faz com que o conteúdo pareça belo e suave, ou seja, aquele peso da moral cristã passa por um processo de dissimulação, mediante o afrouxamento do arco. No entanto, em Nietzsche, a opção estilística se dá muito mais pela necessidade de comunicar o pensamento. Mas a que se deve esta mobilização em prol de uma suavização em termos de costumes na vivência cristã? Em que medida a resposta dos jesuítas foi satisfatória em termos dessa suavização do peso moral do Cristianismo?

3. Os jesuítas e a reivindicação de um Cristianismo suavizado

“Os jesuítas enfraqueceram e suavizaram as reivindicações do Cristianismo, por causa disso sua potência ainda está para se afirmar.”

(NIETZSCHE, Nc/FP do outono de 1873, 30[33], KSA, 7.743)

A modernidade é mãe de uma tensão poderosa que se instalou na cultura ocidental pela “(...) pressão clerical cristã” (GRACIÁN, 1938, p. 345). No bojo desta tensão, a Reforma Protestante se afirma como um dos eventos mais marcantes. Caracterizada como a manifestação do inconformismo da massa diante da instituição, a Reforma Protestante vai criando um acirramento de ânimo tão grande que resulta na cisão, na ruptura com aquela que, até hoje, era reconhecida como a mais sólida das instituições: a Igreja Católica.

Diante deste quadro, marcado pela ruptura institucional da Igreja, a que se ter presente dois aspectos importantes, que se fazem sentir neste contexto. O

Catarina da Rússia se recusou publicar a Bula papal no país para não perder a contribuição dos jesuítas no campo educacional. Cf. GALDEANO, 2013, p.6.

⁸ O ultramontanismo consiste numa atitude tradicional da Igreja Católica Romana, baseada na posição da defesa da infalibilidade papal.

primeiro diz respeito a iluminação democrática, com os seus ideais de povo e participação, de um governo colegiado. O segundo se liga ao jesuitismo, com a busca de tornar leve e suave o jugo que acarreta o nome de cristão. Por essa razão, toda a obra jesuítica é a de revigorar, restaurar, reafirmar o Cristianismo, mediante o serviço obediente e incansável à instituição católica, como o seu fundador Inácio de Loyola (1985, p. 188) se expressa: “Renunciando a todo o juízo próprio, devemos estar dispostos e prontos a obedecer em tudo à verdadeira esposa de Cristo Nosso Senhor, isto é, à santa Igreja hierárquica, nossa mãe.” Embora se depreenda destas palavras rigidez de renúncia ao amor próprio e à vontade, a maneira de o praticar se dá mediante novas estratégias que querem recobrar o ânimo e a coragem, com uma abordagem suave, cândida e repleta de novas esperanças. “Fala-se da astúcia e da arte infame dos jesuítas, mas não se vê a auto superação a que todo o jesuíta se obriga, e o como o regime facilitado de vida, pregado nos manuais jesuíticos, deve beneficiar não a eles, mas aos leigos” (MA/HH, 55, KSA, 2.74-5). Facilitado ou não, o caminho trilhado pelos jesuítas neste processo de restauração das bases cristãs se dá via os princípios da mística. André Ravier (1982, p. 420-421), em seu tratado sobre a fundação da Companhia de Jesus, se expressa ao tematizar o amor, que “(...) em nós comporta graus de intensidade ele repercute mais ou menos até em nossa sensibilidade, nossa imaginação, nossos impulsos instintivos. Esses graus de amor são os graus da vida mística.” A mística reflete plenitude, implicando, por isso, todas as dimensões humanas, o que repercute em forças capazes de responder aos novos desafios que se desenham em termos de missão.

O modo como os jesuítas vão respondendo a estes desafios marca o impulso milenar de relaxamento da rigidez do arco em nome de uma forma de viver o Cristianismo mais tranquila e suavemente. Esta suavidade se depreende daquilo que o fundador da Companhia de Jesus entedia ser o mais importante para uma ordem religiosa naquele período em que foi fundada, tal como ele mesmo se expressa:

Esta foi instituída para o aperfeiçoamento das almas na vida e na doutrina cristãs, e para a propagação da fé, por meio de pregações públicas, do ministério da palavra de Deus, dos Exercícios Espirituais e obras de caridade, e nomeadamente pela formação cristã das

crianças e dos rudes, bem como por meio de Confissões, buscando principalmente a consolação espiritual dos fiéis cristãos. (LOYOLA, 1997, p. 22)

Diante das demandas missionárias, na época da fundação da Companhia de Jesus, era preciso “(...) afrouxar todo arco teso. Afrouxar com consideração, com mão solícita, naturalmente – afrouxar com compaixão que inspira confiança: eis a verdadeira arte do jesuitismo, que sempre soube apresentar-se como a religião da compaixão” (*JGB/BM*, 206, *KSA*, 5.134). Por mais que Nietzsche se oponha a toda a manifestação da religião da compaixão, a maneira pela qual o jesuitismo, com sua capacidade afirmativa e que inspira confiança propõe, revela arte, genialidade e erudição; contudo, sem um toque de rebaixamento e mediocridade. “A subordinação, que é tão valorizada no Estado militar e burocrático, logo se tornará tão desacreditada como já se tornou a tática dos jesuítas” (*MA/HH*, 441, *KSA*, 2.278). Nietzsche (*Nc/FP* do outono de 1887, 9[11], *KSA*, 12.344) não nega que os jesuítas não sejam, também, representantes da moral. Vemos isso nesta passagem que aparece Gracián como representante de uma moral filosófica: “Entre moralistas – Os grandes filósofos morais. Moral até agora como fatalidade dos filósofos. Rousseau. Kant. Hegel. Schopenhauer. Lichtenberg. Goethe. B. Gracián”. A maneira pela qual os jesuítas, e, entre eles Gracián, apresentam a moral se mostra mediante um revestimento de sobriedade, o que revela a sua perspicácia. A sutileza pela qual a moral é abordada faz dela não um peso e sim suavidade, o que, por sua vez, revela toda a sua perspicácia.

Toda essa busca de relaxamento da rigidez do arco vem marcada por uma tensão presente no movimento artístico, literário e filosófico que deriva dela: o barroco. E neste, mais uma vez, os jesuítas se revelam como homens de ação. Esta tensão é entretecida pelo movimento dos contrários que se põem em luta a fim de alcançar uma resolução. Esta luta entre contrários é muito bem apresentada por Gracián em virtude de sua consideração a respeito da criação do mundo. Segundo ele (1938, p. 15), “(...) todo este universo se compõe de contrários e se concerta de desacertos: um contra o outro, exclamou o filósofo. Não há coisa que não tenha seu contrário com que lute.” É desta luta, entretecida e fomentada pelos contrários, que se deriva a ação. “Todo o fazer e padecer: se há ação, há repaixão.” Há um movimento de construir e destruir – “(...) do natural passa à

oposição ao moral.” Controversamente, Gracián (1938, p. 15) conclui que a permanência do mundo é garantida pela sua oposição, mudança e instabilidade “(...) tanta mudança com tanta permanência (...) todas elas perecem, e o mundo sempre o mesmo, sempre permanece.” É justamente neste estado de instabilidade plena que Nietzsche constata a eternidade do instante. Este instante de plenitude, de acordo com o autor de *Zaratustra*, é marcado pela oposição entre destruição e criação, se destrói para construir e, assim, sucessivamente. Gracián (1938, 16) constata, na alteração entre dias e noites, que “(...) a destruição de uma criatura é geração de outra. Quando parece que se acaba tudo, então começa de novo.” É possível derivar desta leitura criacionista, feita por Gracián, pistas que apontem para a concepção nietzschiana do Eterno Retorno. Pois, de acordo com o autor de *Assim falava Zaratustra*, é pela destruição das antigas tábuas que se dá espaço a outras novas, e assim sucessivamente.

Como tudo se move rapidamente, nada se estabelece na forma de uma lei ou de uma regra, em torno a qual se reúne um grupo de seguidores em forma de rebanho. O jesuíta Gracián (1938, p. 43), inclusive, traz uma ocorrência que lembra a passagem de Zaratustra pelo mercado, em meio à turba. “Estava a praça feita de um grande coro do vulgo, enxame de moscas no zumbir e no assentar-se no lixo dos costumes, engordando com o podrido e hediondo das morais.” Gracián constata, com fino tino psicológico, o quanto de pobre, raso e superficial há em meio à turba⁹; o quanto a mera convenção carrega a marca do periférico, sem profundidade e reflexão. Por essa razão, Gracián (1938, p. 45), neste mesmo capítulo, acena para uma saída desse nivelamento por baixo, a partir do não se deixar enganar pelas aparências: “(...) o que ontem foi nome, hoje é pó, e amanhã é nada.” Diante disso, a única realidade é o movimento, tudo passa, a vida é uma pulsão contínua. De modo que não há mais como se refugiar em preceitos e em qualquer pseudo realidade que se pretenda eterna. No barroquismo de Gracián

9 Apesar de existirem diversas similaridades entre *El Criticón* e *Zaratustra* com relação a dita passagem da praça, Bouillier nos recorda que “(...) o sentido e as peripécias do apólogo são totalmente distintas no seu e no de Gracián.” (BOUILLIER, Victor. *Balthasar Gracián y Nietzsche*. In: *Cuaderno Gris*, Cultura, p. 27).

o único eterno é o movimento, a tensão, a luta, o embate. Distante de pesados e custosos preceitos, outrora sagrados, Gracián aponta para um aproveitamento do precioso tempo que se dá a cada instante, que é, paradoxalmente, um instante de plenitude. Este instante se experimenta quem o acolhe com amor: *amor fati*. Eis aí algo que responde bem a esse desafio de fruição da plenitude do instante. A própria Companhia de Jesus, que, conforme seu fundador Inácio de Loyola, deve ser ligeira¹⁰, ou seja, despida de aparatos supérfluos para atender ao essencial, que está em mudança constante. Fiódor Dostoiévski (1961, p. 286), inclusive, mediante sua afiada leitura psicológica, acentuando a importância de se ater ao essencial e não às minúcias, toma como exemplo o “(...) jesuitismo prático.” Pelo senso prático, os jesuítas imprimiram um ethos de subscrição ao que é essencial. Ora, diante disso, o Cristianismo que se desenha passa a ser um Cristianismo suavizado, despido do supérfluo e arraigado ao que muda, por isso, sempre inovando. Logo, se o Cristianismo não é uma lei ou uma doutrina com o que se o pode caracterizar? O que faz do Cristianismo, entendido como essência cristã, essa realidade em constante mutação, ante o qual nada se cristaliza? E, como Gracián, e a leitura que Nietzsche faz dele, pode responder a essa concepção mutacional do Cristianismo?

4. Gracián e a compreensão do Cristianismo como experiência de vida

“Gracián mostra uma sabedoria e prudência na experiência de vida, com isso nada se deixa confrontar.”
(NIEZSTCHE, *Nc/FP* do outono de 1873 e inverno de 1873-74, 30[34], KSA, 7.744)

A vida, para Gracián, é o critério fundamental. Por isso, nada pode ser anteposto à mesma. Ela é o valor dos valores, o fundamento de todo o valorar.

10 “Devemos estar sempre prontos, em virtude da nossa profissão e gênero de vida, a ir pelas diversas partes do mundo, sempre que o Sumo Pontífice ou o nosso Superior imediato no-lo mandem” (LOYOLA, 1997, p.59).

Logo ao início do capítulo 10, Gracián (1938, p. 59) denuncia a confusão que há entre os meios e o fim, denunciando o ser “(...) mais bruto que as bestas, degenerando de si mesmo, faz fim do deleite e da vida faz meio para o gosto.” Aquele que não toma a vida como fim último é considerado como alguém reduzido à bestialidade, porque abdica do valor fundamental de todo o ser humano: a vida. Se faz isso, abdica, inclusive, da própria condição de ser humano, para comungar da condição bestial.

O ser humano, imerso em sua singularidade, desconstrói os princípios em função dos fins. São os fins os que correspondem verdadeiramente à vida, que é sempre lançada para a frente. Os princípios, pelo contrário, lançam para trás pois, cristalizam, petrificam todas as possibilidades de mudança. Por essa razão, segundo Gracián (1938, p. 64) “(...) nunca ponho diante de mim os princípios, senão os fins” O fim último com o qual cada um deveria se ocupar por excelência é a vida, com tudo o que a ela diz respeito. A vida é a “(...) a alma das ações, vida das façanhas, alimento da virtude e alimento do espírito” (GRACIÁN, 1938, p. 173). O que alimenta verdadeiramente o espírito é a vida, e a vida é, em última análise, fruto da ação. Por essa razão, o agir é promotor da vida em todos os seus níveis. Toda esta dimensão do trato com a vida foi um traço que “(...) Nietzsche realizou (...) pelo terreno da psicologia mundana, e é possível que o deva a alguma sugestão de Gracián assim como certo refinamento e, seu sentido da observação” (BOUILLIER, 1926, p. 33). Embora Gracián e Nietzsche compartilhem de uma natureza aristocrática, ativa, movida por instintos de poder e domínio, no campo da moral, é difícil estabelecer, entre eles, uma relação mais fundamental. Nietzsche (*Nc/FP* do verão de 1883, 8[15], KSA, 10.336) se expressa sobre isso dizendo que “O estoicismo de modo algum teria sido possível em um mundo moralista sem preconceitos. Qualquer palavra de B. Gracián ou La Rochefoucault ou Pascal tem o sabor grego contra ele.” Apesar de todos os instintos de força, Gracián ainda partilha do preconceito moral, assim como diversos outros autores.

O traço ativo de Gracián, tal como Nietzsche compreende, está no agir, neste se depreende um *quantum* de forças que quebram estruturas cristalizadas pelos nossos hábitos e crenças. O agir é criativo e inventivo; pelo agir se “(...)

busca, em novas proezas, a honra ao uso” (GRACIÁN, 1938, p. 177). Ou seja, o uso não se reduz a mero produto utilitário, mas se eleva para além desse mesmo produto, ao nível do que cria e reinventa constantemente novos fazeres. Somente é capaz de honrar o uso ao nível da criação aquele que vive o conselho: “(...) tratar de viver” (GRACIÁN, 1938, p. 179). Eis, portanto a grande máxima que se depreende do Cristianismo, entendido como prática de seu fundador: promover a vida. Esta promoção, inclusive, implica em dar a vida. “Isto sim que é dar a vida e tornar imortais as pessoas” (GRACIÁN, 1938, p. 180).

No tipo psicológico “Jesus”, a ação adquire valor e reconhecimento, para além da impositação da norma e da moral. Diversas atitudes que se depreendem da vida de Jesus apontam para a promoção da vida, não uma vida que possui um término, mas uma vida infinita, eterna e plena. Dizer *vida plena*, não é o mesmo que subjugar a vida terrena, humana à vida divina, mas elevar, divinizar a vida humana terrena, concedendo a ela o estatuto da imortalidade. Para tanto, este mesmo patamar de vida se pode experimentar em todo aquele que a concebe, não como algo alheio e externo, mas como unidade reconciliada. Ou seja, a vida consiste em ser vivida como conteúdo de experiência da mais elevada fruição, que se presentifica num instante de plenitude. Por essa razão, o Cristianismo, que Jesus viveu e ensinou, não é um Cristianismo apenas de promessa para o futuro, mas também de experiência de vida no instante em que se vive. À medida em que se aprofunda esta vivência, tanto mais eterna ela se torna. Por isso, a eternidade da vida não constitui apenas uma promessa de futuro, mas já se realiza no instante, tornando-o pleno. Diante disso, se impõe uma meta: a de promover a plenitude da vida, amando-a e acolhendo-a para além dos ditames morais que impedem a sua fluidez. Pela capacidade de encerrar a vida com tudo o que dela demanda, num sentido de totalidade e plenitude, honra-se as suas proezas. A acolhida jubilosa da vida, com tudo aquilo que dela demanda, equivale a experienciar sua profundidade, plenitude e fluidez. A vida é vivida em sua plenitude quando inspirada por uma nova ética: a ética, mediante a qual nada pode se cristalizar; a ética do *amor fati*. Amar é acolher o fato, é acolher a vida em sua plenitude, alegrando-se com ela e tornando cada instante que se vive pleno e repleto de significados e perspectivas.

Em diversas passagens de seus escritos, como já temos conferido, Gracián, movido pelo ardor jesuítico, tem a intenção de propagar o Cristianismo suavizado, escondendo aqueles aspectos doutrinários, para torná-lo mais conforme a prática e a vida de seu fundador. Ora, o Cristianismo, com tais características, somente pode ser demonstrado à medida em que estiver profundamente arraigado numa experiência de vida, naquilo que a vida apresenta de mais instintivo, mais amável e sagaz.¹¹ Para tanto, é necessário peregrinar pela vida. Critilo e Andreino, do romance *El Criticón* de Gracián (1938, p. 247), são dois exemplos daqueles que fazem da peregrinação a busca de viver a vida com intensidade e plenitude. Estes dois peregrinos são os peregrinos da vida, ensinando que “(...) o saber viver consiste em enfrentar o medo.” Com astúcia e prudência, tendem a unir suas sendas em torno à vontade da vida, cujas ações são as chaves do ser, e quem acolher o todo acolhe, ao mesmo tempo, o nada. Age sempre como aquele que está para além do pessimismo e do otimismo, com um olhar aberto a acolher a vida como fato, por niilista que seja. “O pessimismo de Gracián não predica como o de Schopenhauer a resignação, ascetismo e a negação da vida; igual que em Nietzsche é o pessimismo dos caracteres enérgicos que, tomando a vida como ela é, empregam todos os seus recursos para tirar dela o melhor partido possível” (BOUILLIER, 1926, p. 32). Embora Gracián afirme a vida com ambições práticas, Nietzsche o faz mediante aspirações de intensificação heroica e dionisíaca. Ou seja, acolher o todo é afirmar a vida como verdadeira e autêntica felicidade, e isso significa, ao mesmo tempo, desejar nada. Isto é, gozar os bens, fruir a vida, sabendo aproveitá-la nos seus aspectos tanto naturais quanto artísticos sem uma perspectiva utilitária. Viver assim é tornar a vida imortal: *amor fati*, a amando em sua plenitude.

5. Considerações finais

O percurso, realizado por alguns escritos de Balthasar Gracián e suas

11 “Como soa jesuítico aquele amável e sagaz cicerone de Port-Royal, Sainte-Beuve, não obstante sua hostilidade aos jesuítas!” (JGB/BM, III, 48, KSA, 5.69).

influências no pensamento de Nietzsche, fez-nos perceber que a vida, na sua dimensão de experiência, é o que pode servir de base para uma certa aproximação com o Cristianismo, entendido enquanto prática. O estilo poético e aforismático do jesuíta Gracián, pouco afeito à moral institucionalizada e sim a uma experiência vital do Cristianismo, repercutiu não apenas na estilística nietzschiana, mas sobretudo em seu pensamento, de maneira especial na ética do *amor fati*. Ambos, Gracián e Nietzsche, pertencem, pelo menos em teoria, à escola da força e da energia vital.

Nietzsche segue Gracián em sua excursão pelos antigos, os quais afirmam a vida a partir da simplicidade das experiências cotidianas. Ora, estas experiências consistem em opor-se à complexidade da razão que invade o cenário ocidental a partir de Sócrates, bem como a herança de seu esquema de pensamento sobre o Cristianismo. Esta complexidade da razão e, conseqüente expressão na moral cristã, vem a ser suavizada com a fundação da Companhia de Jesus, na Modernidade. A complexificação da moral cristã passa, a partir dos jesuítas, a sofrer um processo de refinamento e dissimulação da dureza da moral em flexibilidade e suavidade. O estilo jesuítico supera o barroco, apontando para uma forma de encerrar o Cristianismo, de maneira particular, a partir da experiência de vida, como um instante pleno que se afirma. No entanto, mesmo que, com o jesuitismo se inaugure um afrouxamento do arco não quer dizer que, com isso, os jesuítas deixem de ser porta vozes da moral. Nietzsche reconhece, neste aspecto, a astúcia jesuítica: a de apresentar o senhorio da moral de uma maneira sutil, sob a capa do devotamento ao serviço ligeiro e pronto às demandas da missão, pelas distintas partes do mundo. Mesmo que a meta dos jesuítas se distancie do foco de Nietzsche, destes o filósofo alemão toma a disposição psicológica e o refinamento criativo devotado à ação, o que, em última análise, conduz à afirmação da vida.

Ora, o Cristianismo, tal como concebido pelo seu fundador, não foi estabelecido para ensinar uma doutrina e, sim, para viver. E viver não significa encerrar a vida como um peso a ser tomado com resignação, mas acolhido com jubilosa afirmação. A vida, neste sentido, é acolhida no seu todo, e acolher a vida como um todo é acolher o nada. Ou seja, o todo da vida acolhida é um instante

que, embora de plenitude, não passa de um instante. Portanto, o esforço é fazer esse instante, embora passageiro, pleno, em que se a usufrua ao máximo. Desta vida que se acolhe como um todo, o que equivale a acolher o nada do qual resulta a vida acolhida em sua expressão máxima, é o que inspirou a ética nietzschiana do *amor fati*, a única possibilidade de superação da modernidade. Logo, mais que um inspirador de Nietzsche, Gracián pode ser classificado, em certa medida, como um precursor do mesmo, seja em termos de estilística, como em termos de proximidade com relação à reflexão vital, principalmente pelo instinto, do qual demanda a força. A força é o que faz da vida uma experiência que, a cada instante, se afirma em sua plenitude mediante o gesto do criar artístico.

Referências

BOUILLIER, Victor. Balthasar Gracián y Nietzsche. In: **Cuaderno Gris**, Cultura, p. 22-38.

BOULLOSA, Nicolás. **Baltasar Gracián: um europeu esquecido precursor de Nietzsche**. 2016.

GALDEANO, Carla. **Dois períodos de uma mesma história, num mesmo Espírito**. Documentos. São Paulo: Loyola, 2013.

GRACIÁN, Balthasar. **El Criticón**. Edición crítica y comentada por M. Romera-Navarro. London: Oxford University Press, 1938.

_____. **Oráculo Manual e arte de prudência**. Editora Ediouro: Rio de Janeiro, 2020.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Recordações da casa dos mortos**. Trad. Rachel de Queiroz. Livraria José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 1961.

JANZ, Curt Paul. **Friedrich Nietzsche**. Uma biografia. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 2015.

LOYOLA, Inácio. **Exercícios Espirituais**. Trad. Joaquim F. Pereira. Loyola: São Paulo, 1985.

_____. **Constituições da Companhia de Jesus**. Loyola: São Paulo, 1997.

LOPES, Rogério Antonio. **Elementos da retórica na obra de Nietzsche**. 1999. 230 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia), UFMG, Belo Horizonte.

NIETZSCHE, F. W. **Kritische Studienausgabe**. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Verlag de Gruyter: Berlin, 1999. 15 Bd.

_____. **Sämtliche Briefe**: Kritische Gesamtausgabe Briefwechsel KGB. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Walter de Gruyter: Berlin, 1986. 8 Bd.

_____. **Aurora**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Além do bem e do mal**. Prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Genealogia da Moral**. Uma polêmica. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Assim falou Zaratustra**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **O Anticristo e Ditirambos de Dionísio**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. **Obras incompletas**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

RAVIER, André. **Inácio de Loyola funda a Companhia de Jesus**. São Paulo: Loyola, 1982.

VICENTE, Montserrat Cost. **Amelot De la Houssaie**. Tradutor de Gracián. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1995.